

Considerações de Piaget

Marcelo Carbone Carneiro*

CARNEIRO, Marcelo Carbone. Considerações de Piaget sobre a Filosofia. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 19-31, 1999.

RESUMO

O texto tem como objetivo investigar as considerações de Piaget sobre a Filosofia, considerada uma sabedoria indispensável à humanidade, e sua opção pelo saber científico.

Unitermos: Filosofia, epistemologia genética, Psicologia, conhecimento e ciência.

CONSIDERAÇÕES DE PIAGET SOBRE A FILOSOFIA

A obra de Piaget possui uma característica marcante: ela se desenvolve com a preocupação voltada para a questão do conhecimento ou como se desenvolve o conhecimento. Suas investigações são marcadas pela preocupação em fundamentar a discussão epistemológica em base científica e não filosófica.

No prefácio que faz ao livro divulgador de sua obra (Flavell, 1988, p. 11-13), Piaget se sente incomodado com a redução de seu objetivo epistemológico à mera psicologia. Censura Flavell de não tê-lo entendido, isto é, a parte psicológica foi desenvolvida, mas sua preocupação é fundamentalmente epistemológica e pouco psicológica.

Como diz Piaget:

Naturalista e biólogo por formação, e interessado por problemas epistemológicos, sem jamais haver estudado psicologia formalmente (nem ter sido submetido a exames nesta área), minha preocupação mais central tem sido determinar as contribuições das atividades do indivíduo e dos aspectos restritivos do objeto ao processo de aquisição de conhecimento. Fundamentalmente, foi o desejo de solucionar este problema através do método experimental que me trouxe ao campo da psicologia do desenvolvimento (Flavell, 1988, p. 11).

* Departamento de Filosofia e Ciências Sociais/Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Sagrado Coração – Rua Irmã Armanda, 10-50 – 17044-160 - Bauru – SP.

Procuramos, neste trabalho, compreender as considerações de Piaget sobre o conhecimento e sua não opção pelo saber do tipo filosófico.

Piaget é um epistemólogo preocupado em resolver a clássica discussão sobre o conhecimento, sem construir um sistema filosófico (fechado sistemicamente). Ele busca apoio na Psicologia, pois esta lhe fornece material empírico indispensável para se pensar cientificamente o conhecimento produzido pelo homem. Por isso, Piaget busca, em sua obra monumental, compreender claramente o desenvolvimento intelectual em sua espontaneidade, sem distorcê-lo com suposições *a priori* baseadas na experiência que temos do pensamento adulto, buscando a gênese do conhecimento e das noções científicas.

Para Piaget, as teorias clássicas do conhecimento desconsideram totalmente o processo de construção do conhecimento, tratando-o como um estado, isto é, ao analisar o conhecimento, não levam em conta que este possui uma história e uma gênese. O sujeito de conhecimento, nas teorias clássicas do conhecimento, é um sujeito acabado (já formado e capaz de conhecer à maneira “adulta”). Por exemplo, para Hume, o “conhecimento” sobre as questões de fatos se realiza através de associações entre imagens (cópias imperfeitas das percepções), onde o sujeito possui uma forma inata ou natural de “conhecer” (encerrado naturalmente em limites estreitos), pois “a mente se reduz à simples faculdade de combinar, transpor, aumentar ou diminuir os materiais fornecidos pelos sentidos e pela experiência” (Hume, 1984, p. 138). Em Kant, todo nosso conhecimento começa com a experiência, pois esta funciona como “matéria bruta” para a representação no espaço e no tempo (intuições puras), que seriam formas de recepção dos objetos (receptividade) e, posteriormente, para um trabalho do entendimento, que conecta, separa, compara etc; realizando uma outra organização dos objetos (representação intelectual). Mas, para que ocorra a aplicação dos conceitos à intuição é necessário o trabalho da imaginação através de esquemas. Em Kant, o conhecimento é um produto “interno” (das faculdades da mente¹) e construído pelo sujeito. Para Kant (1987), o “mundo exterior” só pode ser conhecido por um sujeito, pois é produto da representação interna (“subjetiva”) e jamais podemos conhecer as coisas em si mesmas (só conhecemos fenômenos, aquilo que é determinado pela intuição). Portanto, o conhecimento é um produto das formas *a priori* da mente (Sensibilidade, Entendimento e Imaginação).

Piaget critica essas e as demais teorias clássicas do conhecimento, pois considera que a relação entre o sujeito e o objeto não parte de um sujeito constituído nem de um mundo objetivamente assimilável. O conhecimento é entendido, por Piaget, como um processo e, para dar conta deste processo, torna-se necessário relacionar epistemologia e desenvolvimento psicológico.

Todo conhecimento, segundo Piaget, é um vir a ser e consiste em passar de um conhecimento menor para um estado mais completo.

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

1 As faculdades responsáveis para a elaboração do conhecimento são a sensibilidade, o entendimento e a imaginação. No entanto, Kant fala de uma quarta faculdade que é a razão dialética, esta seria uma forma de representação própria da nossa mente de produzir idéias puras (pela qual nós podemos “pensar” as coisas em si mesmas), porém, não possui uma função na elaboração do conhecimento.

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

Realmente, se todo conhecimento é sempre um vir a ser e consiste em passar de um conhecimento menor para um estado mais completo e mais eficaz, é claro que se trata de conhecer esse vir a ser e de analisá-lo da maneira mais exata possível. Entretanto esse vir a ser não ocorre ao acaso, mas constitui um desenvolvimento e como não existe, em nenhum domínio cognitivo, começo absoluto até o desenvolvimento, este mesmo deve ser examinado desde os estágios denominados de formação; é verdade que essa última, que ainda consiste, pois, num desenvolvimento a partir de condições anteriores (conhecidas ou desconhecidas), existe o risco de regressão sem fim (isto é, de um apelo à biologia): apenas como o problema é o da lei do processo e como os estágios finais (isto é, atualmente finais) são tão importantes sob este aspecto quanto os primeiros conhecidos, o setor de desenvolvimento considerado pode permitir soluções pelo menos parciais, com a condição, porém, de assegurar uma colaboração da análise histórico-crítica com a análise psicogenética (Piaget, 1978, p. 13 e 14).

Os dados psicológicos permitem construir uma teoria epistemológica com base, não em pressupostos filosóficos (metafísicos), mas em comportamentos observáveis (fatos).

Para Piaget, a Filosofia não alcança um saber propriamente dito, porque não possui modos de controle que caracterizam um conhecimento. Para o conhecimento objetivo de uma questão, torna-se necessário o apelo aos fatos, pois este nos fornece material de refutação ou comprovação. A Filosofia é uma forma de saber que não estabelece um controle algoritmo dos fatos, constituindo-se numa fé raciocinada, isto é, o que manteria “viva” uma verdade ou sistema filosófico seria a crença que se deposita nele e não sua capacidade de comprovação e controle dos fatos que pretende explicar.

No entanto, Piaget considera a Filosofia forma de saber indispensável aos seres humanos, como ele diz:

a Filosofia tem sua razão de ser e deve-se mesmo reconhecer que todo homem que não passou por ela é incuravelmente incompleto (Piaget, 1983, p. 68).

Para Piaget, o problema do conhecimento sempre esteve na fronteira da verificação e da especulação. A Filosofia não possui métodos de controle e

... é verdade que, embora fecunda e mesmo indispensável a título de introdução heurística a toda pesquisa, ela não pode conduzir senão à elaboração de hipóteses, por mais amplas que sejam, mas, enquanto não se procura a verificação por um conjunto de fatos estabelecidos experimentalmente ou por uma dedução regulada segundo um algoritmo preciso (como em lógica), o critério de verdade não pode permanecer senão subjetivo, sob as formas de uma satisfação intuitiva, de uma ‘evidência’, etc. (Piaget, 1983, p. 76 e 77).

Para Piaget, a Filosofia possui um duplo alvo: 1º). de Conhecimento; 2º). de coordenação de Valores.

Para a Filosofia pré-crítica (anterior a Kant): a Filosofia atinge um conhecimento integral (essência) e coordena diretamente os valores morais aos conhecimentos particulares e científicos (desde os primeiros filósofos gregos até por volta do século XVIII a filosofia não se separa da ciência).

Para a Filosofia crítica (Kantiana): o conhecimento filosófico propriamente consiste, por uma parte, em fornecer uma teoria do conhecimento científica, o estabelecimento de limites, deixando o campo livre à coordenação de valores (a separação entre pensar e conhecer, isto é, entre razão prática e razão teórica). É dentro desta crítica kantiana que ocorre a distinção entre conhecimento científico e pensamento metafísico (mero tatear sobre conceitos)².

Segundo Piaget, existe um terceiro grupo que apresenta a dissociação de certos ramos da Filosofia promovidos à categoria de disciplinas autônomas (a psicologia, a sociologia etc.) e uma coordenação dos valores fundada em uma reflexão organizadora que procede pelo exame crítico da ciência e pela pesquisa de um modo específico de conhecimento.

O problema em Piaget é o de encontrar um caminho que concilie a pesquisa epistemológica com o respeito dos fatos e um terreno de estudos intermediário entre o domínio do desenvolvimento psicobiológico e os problemas de estruturas normativas.

Piaget parece utilizar uma argumentação emprestada do “ceticismo científico” para criticar a Filosofia, pois este critica o saber metafísico como aquele que busca a verdade através de meros conceitos que podemos refutá-los construindo outros meros conceitos (haveria mais de uma explicação possível para uma determinada questão). Piaget caracteriza como desonestidade intelectual afirmar o que quer que seja em um domínio decorrente dos fatos sem um controle metódico verificável, ou nos domínios formais, sem um controle logístico. O critério de verdade tem que passar pela verificação ou comprovação empírica. A verdade na Filosofia é totalmente determinada pelas transformações sociais e políticas ou criações centradas no eu (egocêntricas ou fechadas em sistemas). Por isso, ele caracteriza a Filosofia como fé raciocinada, pois somente os adeptos de determinada escola filosófica continuam a defendê-la por uma espécie de crença, fé ou encantamento pela ordem das razões dadas no sistema e não pela verdade.

Diz Piaget que,

a reflexão especulativa não corre, pois, somente o risco de voltar as costas à verificação, pelo impulso da improvisação subjetiva: a pessoa humana não conseguindo jamais produzir senão em simbiose com outrem, mesmo na solidão do trabalho interior, é preciso, ou bem adotar sistematicamente um método de cooperação, como na produção científica, onde não se conquista a verdade senão pelo controle de inúmeros parceiros no terreno dos fatos como da dedução, ou o eu, acreditando-se livre, sofre inconscientemente os contágios ou as pressões do grupo social, o que não é mais válido, pois o sociocentrismo como o egocentrismo são antípodas da cooperação racional (Piaget, 1983, p. 79).

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

2 Embora encontremos em Hume, antes de Kant, uma crítica ao modo de conhecer da metafísica.

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

A verdade não é o alcance da ‘essência’, pois só conhecemos ‘fenômenos’; no entanto, o conhecimento do fenomênico não se dá por intuição individual, mas por cooperação, pois, do contrário, caímos ou em construções subjetivas ou em construções historicamente marcadas. Piaget renuncia a Filosofia, pois acredita que não é possível encontrar a verdade meditando em seu gabinete de trabalho, à luz do seu gênio (a reflexão filosófica fica, portanto, ou centrada no eu ou sobre o grupo social).

Ele tem uma concepção claramente científica na qual a verdade é produto da cooperação científica. Esta concepção científica de conhecimento pode confundir-se com a posição do positivismo de matriz comteano (o positivismo de matriz comteano possui duas características básicas: o apelo ao observável e a busca de cientificidade das ciências humanas usando como modelo as ciências naturais).

Piaget estaria próximo do positivismo quando faz apelo aos fatos, no entanto, o positivismo não considera o sujeito como aquele que produz o conhecimento, pois o conhecimento se reduziria pela visão positivista,

unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude (Comte, 1973, p. 9).

Piaget refuta a segunda tese e não a primeira; diz ele:

eu acreditava por minha parte nada ter de um positivista, senão que me ocupo de fatos, ‘positivos’ se se quer, mas que me parecem refutar o positivismo. O positivismo, dizia-lhe eu, é uma certa forma de epistemologia que ignora ou subestima a atividade do sujeito em proveito unicamente da constatação ou da generalização das leis constatadas: ora, tudo o que encontro mostra-me o papel das atividades do sujeito e a necessidade racional de explicação causal. Sinto-me bem mais próximo de Kant ou de Brunschvicg que de Comte, e próximo de Meyerson que opôs ao positivismo argumentos que verifico sem cessar (posta à parte a identificação) (Piaget, 1983, p. 80).

Além disso, Piaget diz que o positivismo é uma doutrina do fechamento da ciência à qual quer delimitar fronteiras definitivas, enquanto que, para ele, a ciência é indefinidamente aberta e pode abordar qualquer problema desde que se encontre um método que realize um acordo entre os pesquisadores. Um fato jamais existe em estado puro (como já demonstraram Duhem, Poincaré etc.), é sempre solidário com uma interpretação, o que para Piaget “constitui de resto, por si só, uma refutação do positivismo ou empirismo lógico”. (Piaget, 1983, p. 90). Para Piaget, não é possível a análise do conhecimento em estado puro (leis constatadas empiricamente), pois o conhecimento é um produto da observação dos fatos à luz de uma interpretação.

Na observação de um fato na cooperação científica, deve haver um acordo para a verdade.

(...) um exame honesto dos fatos, junto a uma elaboração em parte formalizada das interpretações, podem conduzir epistemólogos em desacordo inicial a uma revisão e a uma precisão de suas hipóteses até a um acordo aproximado, em todo caso bem superior às oposições iniciais (Piaget, 1983, p. 90).

Para Piaget, é uma característica dos tempos modernos, sobretudo depois do século XVIII, a diferença mais ou menos clara entre ciência e Filosofia (em certos domínios uma diferença visível como, por exemplo: a Matemática ou a Física e a Filosofia).

Existia nos primórdios da Filosofia uma não-distinção entre filosofia e ciência (compunham uma e mesma coisa). Os primeiros filósofos (os pré-socráticos) construíram as primeiras explicações filosófico-científicas (cosmológicas). Os grandes sistemas filosóficos se ergueram através da colaboração entre filosofia e ciência Ex: Platão (Matemática), Aristóteles (Biologia), Descartes (Álgebra/Geometria) etc. Por essa razão, Piaget vê que

... a razão principal e histórica pela qual a Filosofia foi quase sempre admitida como um conhecimento, em nossa civilização ocidental, é que ela foi por longo tempo solidária com a ciência, a tal ponto que a distinção entre ciência e Filosofia não existia para os primeiros pensadores gregos (Piaget, 1983, p. 98).

Para Piaget, a Filosofia é classicamente admitida como conhecimento pelo simples fato de que sempre esteve unida à ciência. Com a separação entre Filosofia e ciência, o papel da Filosofia (metafísica) é o de 'coordenação de valores'. Como diz um comentador de Piaget:

... teremos notado que Piaget fala de uma 'tomada de posição' raciocinada e não de um 'conhecimento' da totalidade do real, como é o caso nas filosofias tradicionais. De fato, para Piaget o 'conhecimento' se identifica como o conhecimento científico no sentido moderno do termo. Este conhecimento científico é um dos valores dos quais a Filosofia é uma coordenação; ele é o representante por excelência dos 'valores cognitivos'. Mas a própria coordenação de valores não tem, para Piaget, um estatuto científico; ela não é um verdadeiro conhecimento, mas no máximo uma sabedoria, isto é, uma aproximação pessoal estruturada sobre um compromisso (Fetz, 1987. p. 45 apud Assis et al., 1996).

Piaget considera a Filosofia, desde os primórdios, como construtora de sistemas que não levaram em conta que o sujeito de conhecimento é fruto de um processo (sempre conceberam um certo acabamento do sujeito). Sobre a teoria de Platão, por exemplo, considera esta um realismo que consiste em projetar as estruturas de conhecimento em um mundo supra-sensível sem que elas dependam de um sujeito nem humano nem transcendental: o sujeito não é, pois, ativo no conhecimento e limita-se a beneficiar-se, por reminiscência ou participação, do reflexo dessas idéias eternas que constituem, por outro lado, o suporte dos valores supremos, morais, estéticos e religiosos. A concepção de sujeito na Filosofia antiga não trata este como uma subjetividade e o mundo como imagem dessa subjetividade.

A descoberta do sujeito epistêmico se dá no século XVII:

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

Descartes descobre o sujeito epistêmico e seu poder de assimilar racionalmente a realidade física graças aos instrumentos lógico-matemáticos, ele fica, como será o caso do próprio Leibniz, em uma situação intermediária entre carência do sujeito em Platão ou Aristóteles e o sujeito estruturante do apriorismo kantiano (Piaget, 1983, p. 102).

O grande problema detectado por Piaget em Descartes é o das idéias inatas, pois o conhecimento depende de uma “harmonia pré-estabelecida” (embora Descartes reconheça a existência de idéias adventícias e ficícias). Mas, segundo Piaget,

há, pois, aí, ao mesmo tempo, a prova de uma tomada de consciência histórica das ‘operações’ (em oposição ao pensamento grego) e um indício eloqüente do fato de que uma tomada de consciência introspectiva não substitui o estudo psicológico objetivo e genético: a análise do desenvolvimento das operações lógico-matemáticas na criança mostra com efeito, de uma parte, que mesmo as noções que parecem oriundas da percepção comportam uma estruturação operatória muito mais desenvolvida do que parece e que, doutra, as grandes categorias consideradas por Descartes como inatas constituem um produto depurado dessa estruturação operatória (Piaget, 1983, p. 103).

Piaget coloca-se dentro do que, na história da Filosofia, ficou conhecido como “revolução copernicana”, pois o conhecimento é um produto de formas construídas pelo sujeito, isto é, os objetos giram em torno do sujeito e são assimilados segundo as “estruturas” internas ao sujeito. Por isso, Piaget buscou, em sua obra, a construção de uma psicologia que se aproxime mais de Kant que de Hume. Diz Piaget,

Kant elaborou, pois, uma riquíssima noção, compreendendo, como é de direito, a universalidade e a necessidade (a segunda esquecida ou considerada como ilusória pelo empirismo), mas também a anterioridade em relação à experiência: anterioridade lógica, enquanto condição necessária, mas também anterioridade em parte cronológica (o a priori pode não se manifestar senão no momento da experiência e não antes, mas em todo caso não depois) e, sobretudo, anterioridade de nível à medida que o sujeito que se entrega à experiência possui já uma estrutura subjacente que determina suas atividades. Ora, pode-se sentir muito próximo do espírito kantiano (e eu creio estar, como grande número de partidários do método dialético) e considerar o a priori como dissociável das noções de anterioridade cronológica ou de nível: a necessidade própria à síntese torna-se então um *terminus ad quem* e cessa de ser o *terminus ad quo* que ainda fica muitíssimo próximo da harmonia pré-estabelecida. Mais precisamente, a construção própria ao sujeito epistêmico, por mais rica que seja na perspectiva kantiana, ainda é muito pobre, já que é inteiramente dada ao início, enquanto um construtivismo dialético, como a história das ciências ou os fatos experimentais reunidos pelos estudos sobre o desenvolvimento mental parecem mostrar sua realidade viva, permite atribuir ao sujeito epistêmico uma construtividade muito mais fecunda, se bem que chegando nos mesmos caracteres de necessidade racional e de estruturação da experiência que aqueles para os quais Kant pedia garantia à sua noção de a priori (Piaget, 1983, p. 107).

Piaget distingue dois tipos de sujeitos: existe o “sujeito psicológico”, centrado sobre o eu consciente e cujo papel funcional é inquestionável, mas não é fonte de nenhuma estrutura geral de conhecimentos; existe também o “sujeito epistêmico” que possui características comuns a todos os sujeitos do mesmo nível de desenvolvimento, cujas estruturas cognitivas derivam dos mecanismos mais gerais da coordenação das ações. O “sujeito epistêmico” é o único sujeito próprio da investigação piagetiana, escapa por definição das dimensões individuais, sociais e históricas do desenvolvimento. Piaget se interessa pelo processo, pelos mecanismos e as estruturas gerais e universais que explicam a possibilidade do pensamento científico, impessoal e universal por definição.

Por isso, estudou o desenvolvimento dos conceitos como tempo, substância, causalidade, espaço: são conceitos sem os quais a ciência não seria possível, são as categorias básicas do pensamento científico. A hipótese fundamental da epistemologia genética é a existência de um paralelismo entre o progresso da organização lógica e racional do conhecimento e os processos psicológicos que o formam. Para Piaget, fascina mais o processo que o resultado, a construção mais que o objeto construído, a busca mais que resultado. Por isso o método é mais psicológico que histórico:

El problema es saber como se forma un conocimiento, como se forma una estructura de la inteligencia. El hombre contemporáneo posee un gran número de estructuras ya formadas, cuya historia no conocemos. (...) Sólo podemos conocer resultados, sin llegar a capturar los procesos de construcción. Pero a mí no me bastan los resultados! Y la historia sólo puede reconstituirse hasta los griegos, y aún así... Lo admirable en el niño, justamente, es que en él siempre se encuentra un individuo que empieza de cero, y que así podemos ver lo que ocurre (Piaget, 1977, p. 40).

É, neste ponto, que procede o descontentamento de Piaget com as provas padronizadas, pois, “los tests se ocupan de resultados; nosotros, em cambio, queremos saber como el niño razona, como descubre nuevos instrumentos.”(Piaget, 1977, p. 39). Os estágios apresentam um resultado estático, indispensável do ponto de vista descritivo, secundário do ponto de vista teórico, pois, para Piaget, a descrição dos estágios não permite estudar a modificação das estruturas e seus mecanismos de desenvolvimento da inteligência. Ele busca, portanto, entender o desenvolvimento desde sua gênese e perceber as transformações deste (da criança ao adulto). O conhecimento é conhecimento-processo, isto é, há níveis de desenvolvimento e estruturações da criança (sensório-motor) ao adulto (pensamento formal).

Sobre a pesquisa das noções puras, Piaget posiciona-se favorável ao estudo da formação e do desenvolvimento das noções e operações intelectuais sobre o diretamente observável. Para exemplificar a estruturação das operações como tais:

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

uma operação lógico-matemática é essencialmente atemporal e isso pode ser constatado entre outras operações por sua reversibilidade: se $2 + 3 = 5$ então $5 - 3 = 2$ por necessidade imediata e independentemente das ordens temporais de escrita ou de pensamento individual. O fato que a operação possa desenrolar-se nos dois sentidos e que um dos dois é temporal. Ora, essa reversibilidade operatória não é compreendida senão tardiamente e constitui o principal problema para o sujeito na formação das suas operações. Enquanto não for atingida, não há possibilidade de composição aditiva: o sujeito de quatro a cinco anos pensará, por exemplo, caso se dissociem 10 bolinhas em duas coleções de 4 e de 6, que há mais bolinhas em dois pacotes que em um e isso mesmo se a soma for 10 e 10 nos dois casos: os nomes de número só servem então para individualizar os elementos, mas sem impor, absolutamente, o postulado que o todo que vale à soma das partes, porque esse postulado supõe a operação da adição e que essa operação supõe a reversibilidade; ora, a passagem de 10 a 4 mais 6 parece ao sujeito uma transformação irreversível, que modificou tudo, inclusive o valor do conjunto. A operação supõe a reversibilidade e esta a conservação etc., em um sistema total (um 'grupo' etc.), essencialmente extratemporal (Piaget, 1983, p.139).

Segundo Piaget, esse sistema se impõe ao sujeito lá pelos 07 ou 08 anos (em média), sendo a criança antes desta idade impermeável a ele, e, posteriormente há todo um processo de construção de estruturas que possibilitam uma relação com as coisas de maneira ainda mais objetiva.

Para Piaget, a Filosofia não se aproxima da verdade porque despreza a verificação mediante um cálculo ou uma técnica acessível a todos, mas busca o acesso à verdade por meio da persuasão ou de conversação, isto é, a aceitação de um sistema. A Filosofia experimenta certo escrúpulo em acreditar antes de estar certa, ou em chamar "verdade" aquilo que ainda comporta uma parte de crença, mesmo considerada como evidente, quando se trata de "evidência" que é especial a outrem ou, por analogia, a si mesmo.

Piaget investiga as causas que engendraram a tendência de admitir um modo superior de conhecimento em relação ao científico (conhecimento fenomenológico), para isso, evoca a crítica à psicologia racional feita por Kant para refutar o ideal de um conhecimento metafísico fundado na crítica da ciência e o ideal de conhecimento metafísico fundado diretamente na intuição do eu e de seus poderes. Para Piaget,

fazer a crítica da ciência consiste, com efeito, em mostrar que toda experiência é uma estruturação do real na qual o sujeito epistêmico toma uma parte ativa, de tal modo que o conhecimento apareça como uma interação entre as operações estruturantes do sujeito e as propriedades do objeto (Piaget, 1983, p. 125 e 126).

Para Piaget,

no total, essas diversas razões convergem no sentido de ocasionar uma crença comum em um dualismo fundamental do conhecimento: de um lado, o saber 'positivo', ao qual se trata agora de fixar as fronteiras, e veremos (...) as variações de métodos quanto a essa fixação de fronteiras:

de outro, um saber de essência superior, seja que se o ofereça como fundamento ao conhecimento científico, ou que ele conduza a outros domínios onde a ciência é incompetente. O problema que se trata pois de examinar agora, tomando como objeto de discussão a intuição bergsoniana e a intuição fenomenológica (não somente porque são os produtos das duas tendências paracientíficas das mais notáveis que se afirmaram no decorrer desse século, mas porque seus criadores mantiveram-se muito próximos dos problemas da ciência), é o problema de analisar a validade de tais modos de conhecimento: uma intuição sendo ao mesmo tempo tomada de posse do objeto e garantia de verdade para o sujeito, essa dualidade na unidade fornece, efetivamente, um conhecimento distinto da experiência e da dedução, ou a unidade proposta não é senão aparente? (Piaget, 1983, p. 127).

A Filosofia não leva em conta, quando postula a possibilidade de um conhecimento supra-científico, as transformações, as auto-regulações etc, próprios do sujeito que se constitui num processo que vai desde os primeiros reflexos (embora não se possa falar de começo absoluto) até os pensamentos hipotético-dedutivos.

Para Piaget, portanto, a metafísica leva a uma sabedoria e não a um conhecimento. E que tudo que foi produzido de válido pelos filósofos foi sempre uma discussão sobre a ciência ou com a ciência.

Para ele

... sob o pretexto de reagir contra o positivismo, o objetivismo etc., nos apresentem teses filosóficas pessoais como sendo a verdadeira psicologia, é desdenhar regras do jogo e confundir o estudo da subjetividade em geral com a empresa da subjetividade pessoal (Piaget, 1983, p. 177).

Os filósofos, segundo Piaget, são educados para tratar os problemas por meios puramente reflexivos ou históricos, enquanto que um fato presume um mínimo de constatação e um método. Nesta situação, o conhecimento dos fatos está desligado da única fonte que o promove à categoria de conhecimentos propriamente dito (a própria pesquisa na sua tecnicidade).

Segundo Piaget, “a educação de um filósofo consiste em estudar textos e não os diferentes métodos que conduzem ao saber...” (Piaget, 1983, p. 197-198).

Segundo Piaget, a experiência científica comporta uma questão, uma resposta dada pelos fatos e uma interpretação. A questão é livre desde que possa ser formulada como pergunta ao que os fatos respondem. Quanto à interpretação, consiste em hipóteses explicativas que comportam novas questões, servindo para seu controle direto ou indireto segundo as deduções que essas hipóteses acarretam; e essas novas questões chamam novas respostas de fatos e novas interpretações. A experiência assim concebida é, portanto, inseparável de deduções que serão consideradas como válidas se foram formalizadas ou se, sem chegarem a isso, elas estiverem intuitivamente conformes com os modelos lógicos ou matemáticos.

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

Piaget, acerca da possibilidade de acreditando limitado a experiência fazer Filosofia, diz: “fazer filosofia significaria enunciar proposições não verificáveis ou não lógicas, o que é uma desagradável concepção”. (Piaget, 1983, p. 202).

Portanto, para ele a filosofia é uma sabedoria da qual o homem não pode se abster, pois, possibilita a reflexão sobre o mundo, mas não leva ao conhecimento dos fatos.

Piaget entende a filosofia como uma sabedoria produzida pelo homem pelo simples fato de viver.

... o homem vive, toma partido, crê em uma multiplicidade de valores, hierarquiza-os e dá assim um sentido à sua existência por opções que ultrapassam sem cessar as fronteiras do seu conhecimento efetivo. No homem que pensa, essa coordenação pode ser raciocinada, no sentido que, só pode utilizar uma reflexão, seja prolongando seu saber ou opondo-se a ele em um esforço crítico para determinar suas fronteiras atuais e legitimar a colocação dos valores que o ultrapassam (Piaget, 1983, p. 206).

Para Piaget

em Filosofia não há unanimidade estabelecendo um saber definitivo ... contrariamente às ciências, a filosofia, sob todas as suas formas, deve abster-se do consenso unânime, eis o que deve constituir sua própria natureza (Piaget, 1983, p. 206 e 207).

A Filosofia sem a ciência é o que Piaget chama de sabedoria e citando Jaspers, diz que

desde que um conhecimento se imponha a cada um por razões apodícticas, ele se torna imediatamente científico, cessa de ser filosofia e pertence a um domínio particular do conhecível (Piaget, 1983, p. 207).

Na investigação que Piaget faz sobre o conhecimento, não se prende a argumentos puramente dedutivos (a ponto de dizer que se alguém fizesse um dia de ‘sistema de Piaget’ seria um sinal do fracasso de sua obra), mas se afeiçoa com o escopo da construção de uma epistemologia científica que lhe dê a possibilidade da investigação científica dos fatos ou mais propriamente estudar a evolução ou os acréscimos dos conhecimentos, cujo objeto particular é o estudo dos estados sucessivos de uma ciência em função de seu desenvolvimento (este foi o objetivo do “Centro Internacional de Epistemologia Genética”, fundado em 1956 em Genebra-Suíça).

Piaget diz que sonharia em construir

uma ‘epistemologia genética’ que delimitaria os problemas do conhecimento centrando-o na questão de saber ‘como ampliam os conhecimentos’, o que tem por objeto ao mesmo tempo sua formação e desenvolvi-

mento histórico. Mas o critério de êxito de uma disciplina científica é a cooperação dos espíritos, e desde minha desconversão da Filosofia eu estava cada vez mais persuadido que toda produção puramente individual era maculada por um vício redibitório e que, à medida que pudessem vir a falar do 'sistema de Piaget', isso seria um sinal convincente do meu fracasso (Piaget, 1983 apud Piaget, 1996, p. 160).

Segundo suas considerações, a Filosofia é uma sabedoria e não um conhecimento. A construção de uma epistemologia científica caracteriza sua clara opção pelo conhecimento científico. Em um debate ocorrido sobre a Filosofia, Piaget diz estar

absolutamente convencido de que o cientista necessita de uma formação filosófica, e reafirmo em todos os termos essa expressão minha que você citou, no sentido de que um homem que não passou pela filosofia é incuravelmente incompleto, creio, pois, que uma formação filosófica é necessária, mas penso também que ela deve ser incessantemente superada no sentido de que, como dizia Ricoeur em seu momento, a Filosofia por sua natureza está em movimento e continuamente deve recolocar seus próprios problemas em função dos novos 'conhecimentos' adquiridos A Filosofia foi a matriz de todas as ciências, e indubitavelmente continua sendo a matriz de muitas ciências e de muitas perspectivas que ainda hoje não vislumbramos, mas é assim na medida em que não se fecha em sistemas, em que não acredita ser conhecimento. É assim na medida em que abre novos caminhos e em que não entra em competição, em rivalidade com a ciência. (...) Penso que, do ponto de vista heurístico, ajuda de uma formação filosófica é considerável no sentido de que toda reflexão filosófica permite colocar problemas e ser guiado por questões que não se vislumbrariam sem ela. Mas penso que, por outro lado, se chega ao conhecimento efetivo sob a condição de sair-se dela, já que a reflexão conduz as perguntas, mas em si mesma não implica nenhuma verificação (Piaget, 1973 apud Assis et al., 1996, p. 162).

CARNEIRO, Marcelo Carbone. Piaget's considerations on Philosophy. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 19-31, 1999.

ABSTRACT

This study investigates Piaget's considerations on Philosophy, which is seen as indispensable knowledge to mankind, and his choice for scientific knowledge.

Key Words: Philosophy, genetic epistemology, psychology, knowledge, science.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. O., ASSIS, O., CHIAROTTINO, Z. R. (Org.). *Piaget: teoria e prática*. Campinas: [s.n.], 1996.

CARNEIRO,
Marcelo Carbone.
Considerações de
Piaget sobre a
Filosofia. *Mimesis*,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 19-31, 1999.

CARNEIRO, Marcelo Carbone. Considerações de Piaget sobre a Filosofia. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 19-31, 1999.

COMTE, A. *Curso de Filosofia Positiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).

FETZ, R. La coordination des valeurs. *Reveu Européenne des Sciences Sociales*, Cahiers Vilfredo Pareto, v. 25, n. 74, p. 45-59, 1987.

FLAVELL, J. *Psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1988.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1984. (Os Pensadores).

KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

PIAGET, J. *Conversations libres avec Jean-Claude Bringuier*. Paris: Laffont, 1977.

_____. *Psicologia e Epistemologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

_____. *Sabedoria e ilusões da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1983. (Os Pensadores).